

## KARMA e RENASCIMENTO

Bhante Yogavacara Rahula ©

Cap. III, em *The Way to Peace and Happiness*, Sri Lanka, Buddhist Cultural Centre,  
1997. Com autorização do autor

*Tradução:* Teresa A. Kerr

*Revisão:* Arthur Shaker

A palavra Karma (*kamma* em Páli) significa ação ou volição. Karma é normalmente usado como uma designação para a lei de causa e efeito que opera através das ações. São as ações feitas por uma pessoa através de seu corpo, fala, e seus pensamentos. As impressões ou a memória dessas ações, ou Karma, são gravadas, assim falando, na mente subconsciente. Nós temos essas tendências acumuladas como base para nossas decisões presentes e futuras em ações de corpo, fala e pensamentos, os quais são Karma resultantes, ou impressões residuais, de todas nossas atividades kármicas passadas. Por causa disso, somos condicionados a experienciar a sensação dos objetos da mesma maneira como no passado. Assim, ficamos enredados e enraizados em fortes padrões habituais de ação do corpo, fala e pensamento dos quais é difícil, mas não impossível, ficarmos livres deles.

Portanto, vemos que o Karma, a lei de causa e efeito, é de extrema importância. Vê-se que ninguém irá escapar dos resultados de suas ações, por essa razão os seres que acumulam resíduos de suas ações e pensamentos por sua vez se tornam um verdadeiro depósito ou base para experiências futuras. Cada pessoa se entrelaça em sua própria teia de destino, seja bom ou mau<sup>1</sup>, agradável ou doloroso. Cada pessoa é o arquiteto de seu próprio futuro.

Isso em contraste com a ideia de um todo poderoso Deus que atua como um agente externo julgando as ações de uma pessoa na morte, e de acordo com isso,

sentenciando a pessoa a um eterno céu agradável ou a um eterno sofrimento no inferno. Dessa forma, a lei do karma é Deus nesse sentido, pois cria as futuras circunstâncias acessórias e apropriadas para ajustar a vibração da mente da pessoa naquele tempo. Se a mente de uma pessoa está com ódio, cobiça, apego, etc., então de acordo com isso é atraída para uma manifestação das condições nas quais irá satisfazer-se com aqueles objetivos. Se a mente de uma pessoa está com amor, compaixão, bondade, desapego, felicidade, etc., então da mesma forma irá ser atraída, e manifestar-se, nas condições apropriadas.

O Desperto resumiu isso nos seguintes versos:

Todos os seres são donos de suas ações  
 São os herdeiros de suas ações  
 Suas ações são as entranhas da qual surgiram  
 Suas ações são seu refúgio  
 Qualquer ação que façam – boas ou más  
 Delas serão seus herdeiros<sup>2</sup>.

É o Karma que faz o mundo girar  
 O Karma mantém-se em movimento na vida das pessoas  
 Todos os seres são atados ao Karma  
 Como a cavilha à roda da carroça<sup>3</sup>.

A mente é a precursora de todas as condições  
 A mente é o padrão, todas as coisas são executadas pela mente;  
 Se uma pessoa age ou fala com uma mente maléfica,  
 Então os efeitos irão segui-la, como uma roda  
 De uma carroça segue o casco do boi que a puxa.  
 Mas se uma pessoa age ou fala com pureza, com uma mente saudável,  
 Então a felicidade e a paz seguirão aquela pessoa  
 Como sua sombra que nunca a abandona<sup>4</sup>.  
 Nem no céu, nem no meio do oceano, nem na caverna de uma montanha,

Encontrará aquele local na terra onde,  
Possa uma pessoa escapar das conseqüências de suas ações maléficas<sup>5</sup>.

O que se segue é parte desse discurso do Buddha a seu discípulo mais próximo, Ananda:

“Onde houver sido feitas ações, Ananda, bem estar pessoal e tristeza surgirão em conseqüência das intenções que houver nas ações. Onde houver fala, onde houver pensamentos, bem estar ou tristeza surgirão em conseqüência das intenções que houver na fala e nos pensamentos. Nós mesmos, Ananda, planejamos aquelas ações condicionadas (sob a influência de) ignorância e cobiça, das quais irão surgir bem estar pessoal, ou outros planejam aquelas ações que nós fazemos (sob impulso ou sugestão) por causa da ignorância e cobiça, das quais surgirão bem estar e tristeza pessoais.

Nós fazemos isso deliberadamente ou ignorantemente (não conhecendo as conseqüências), das quais nos dois casos surge bem estar ou tristezas pessoais.

Assim também será onde houver tido fala ou pensamento. Seja que nós tenhamos planejado e feito, ou outros tenham planejado e nós fizermos, dos quais irá surgir tristeza ou bem estar pessoal.

Em todos esses casos ignorância irá se seguir (por causa da ignorância, ações são feitas). Mas, a partir (pela sabedoria) do completo desaparecimento e extinção da ignorância e apego, aquelas ações, fala e pensamentos, Ananda, não são feitas a partir das quais irá trazer tristeza ou bem estar pessoal”<sup>6</sup>.

(A energia kármica é então diminuída e cessa de modo que os resultados que se teria que experienciar serão também enfraquecidos e cortados).

Quando o Karma é referido como uma lei, não significa algo promulgado pelo Estado ou alguma entidade governamental. Isso iria implicar na existência de um executor de uma lei. É uma lei no sentido que é um constante modo de ação. É pela natureza da ação que irá produzir certos resultados. Essa natureza é também chamada de lei.

É nesse sentido que falamos da lei da gravidade a qual causa a queda de uma fruta da árvore ao solo quando está madura. Não há um poder supremo ou ser o qual comanda que a fruta caia, mas novamente, é uma maneira constante de ação.

E é do mesmo modo nos assuntos humanos, onde a mesma lei de causa e efeito trabalha da mesma forma. Nenhum poder independente ou criativo está envolvido: a lei natural dita que os atos humanos também fazem surgir consequências específicas. Portanto, todos os estados, sejam físicos ou mentais, ocorrem na sequência natural dependentes da lei natural; assim, quando uma pessoa morre, como todos iremos morrer, a ocorrência nada mais é do que um efeito de sua causa, a qual é o nascimento. Ignorando as causas, falamos de “acaso”, mas sabemos que o mundo não é governado pelo caos. Portanto, nosso aparecimento nesse mundo e nosso desaparecimento novamente não são arbitrários, do mesmo modo como o surgimento e a destruição inevitável de uma árvore.

## REASCIMENTO

Todas nossas ações passadas de corpo, fala e pensamento, todos os sentimentos, percepções, formações mentais, etc., que experienciamos, deixaram suas impressões em nosso subconsciente continuum de vida. A pessoa comum, entretanto, é normalmente muito ocupada com problemas pessoais e prestando muita atenção ao seu mundo atual, ou criando fantasias sobre o futuro. Dessa forma, o acesso à sua memória subconsciente onde estão todas essas impressões do passado, incluindo as vidas passadas, é extremamente limitado e confinado. Assim é por que a maioria das pessoas não pode se lembrar de seu passado, 5 ou 10 anos atrás, com exceção das principais experiências, ficando ignoradas as impressões das vidas anteriores. Entretanto, todas elas continuam impressas no subconsciente.

Mesmo hoje, em diversos países, como a Índia, Tibet, Sri Lanka há somente poucas pessoas que se lembram de uma ou mais vidas. Algumas delas têm sido descritas muito precisamente com detalhes, e foram examinadas e verificadas como sendo extraordinariamente confiáveis<sup>7</sup>. Há ainda casos sob hipnose no qual o sujeito volta no tempo, mesmo no passado distante de vidas anteriores, e se lembra de coisas com detalhes extraordinários.

Se na hora da morte, a pessoa ainda estiver envolvida com o processo da produção kármica de cobiça, apego e vir-a-ser, então essa força de apego (o *sankhara*) irá se manifestar em outra existência para seu próprio uso, em outro corpo com os órgãos do sentido. No momento da morte a mente normalmente está atraída ao plano de existência o qual é de acordo com a personalidade expressa nos hábitos e tendências acumuladas. Essa consciência, que surge no último momento antes da morte, toma um objeto produzido normalmente na mente, ou o qual é induzido de fora, como seu “sinal do destino” (*gati nimitta*) ou um cartão desenhado. Esse “sinal do destino” está usualmente de acordo com as tendências habituais mais fortes as quais foram exercitadas durante a vida que agora está terminando. Isto comumente condiciona o reino do renascimento onde a mente irá se manifestar.

Algumas vezes, esse sinal é o resultado de alguma ação negativa pesada executada em uma, 2, 3 ou até mais vidas anteriores a essa atual. Mas somente agora vêm à superfície para determinar o futuro plano de existência<sup>8</sup>.

Essa consciência, chamada de “consciência de religação” (*patisandhi-viññana*) a qual se manifesta em outra existência, carrega com ela, poderíamos assim dizer, todos os *sankharas* ou tendências habituais da mente, que foram acumuladas no passado devido à ignorância e apego, e que não foram exauridas.

Na noite da Grande Iluminação do Buddha, quando ele estava em profunda meditação, sua consciência estava perfeitamente quieta e direcionada, livre dos distúrbios exteriores e agitações mentais. Ele então teve acesso ao seu depósito total de impressões kármicas do passado. Assim, foi capaz de recordar perfeitamente, com exatos detalhes, todas suas ações prévias de corpo, fala e pensamento, todas suas experiências desde o momento exato que nasceu. Até mesmo pode recordar o último pensamento de sua vida anterior (a consciência de religação), e ele em ordem continuamente reversa lembrou de cada pensamento, sentimento, percepção e ação de vidas anteriores.

Ele pôde voltar para trás através de centenas, milhares de existência anteriores, na medida em que sua energia mental ou força kármica, naquele tempo ainda sob a delusão do “self”, perpassava pelos infinitos ciclos de nascimento e morte. Dessa forma, ele viu perfeitamente as razões e condições pelas quais a força kármica se manifestou e permaneceu se manifestando daquele modo – agora aqui nesse mundo como um ser humano ou um animal, outra vez como um fantasma faminto, outra vez no inferno, e então novamente como um ser humano, um rico e próspero rei ou um mendigo destituído ou nascido cego, mudo ou mentalmente retardado, ou nascido no mundo dos devas ou Brahmas, etc. O que se segue é uma descrição vívida dado pelo Buddha de como ele realizou isto diretamente durante a noite de seu Despertar.

“Assim, com a mente tranquila, purificada, clarificada sem manchas, sem impurezas, pronta para o trabalho, fixa inamovível, eu dirigi minha mente para o conhecimento e lembranças das antigas moradas. Eu me lembrei de uma variedade de

tantas moradias assim; um nascimento, 2 nascimentos, 3. . . 4. . . . 5. . . . 20 . . . 30. . . . 50. . . . 100. . . . mil . . . cem mil nascimentos e muitos éons da integração e desintegração do mundo. Assim era meu nome, tendo tal e tal família, tendo tal e tal cor, fui alimentado, tais e tais experiências de prazer e de dor foram minhas, e assim a duração da vida se findou. Depois disso, vim a ser em um outro estado, quando tive um nome, tendo tal e tal família, tal e tal cor, fui nutrido tendo tal e tal experiência agradável e dolorosa, assim a vida terminou. Depois disso eu surgi aqui. Assim eu me lembro de diversas moradias em todos os seus modos e detalhes. Este, monges, foi o primeiro conhecimento realizado por mim nas primeiras horas da Noite. A ignorância foi descartada, o conhecimento surgiu, a escuridão foi descartada, a luz surgiu, na medida em que eu permanecia diligente, ardente, resoluto e calmo.

Então com a mente composta, purificada, pronta, fixa, inamovível, eu dirigi minha mente para o conhecimento do surgir e desaparecer dos seres. Com a visão dos Devas purificada e superior à do homem comum, eu vi seres que passaram desse plano (morreram) e vieram a renascer; eu compreendi que os seres são valorosos, excelentes, feios, agradáveis, belos, de acordo com as consequências de suas ações, e eu pensei: Realmente, esses seres valiosos que são possuidores da conduta errada de corpo, fala e pensamento, zombadores dos homens religiosos, mantendo visões errôneas, incorrendo em ações que são consequências das visões errôneas – esses, cujo corpo é destruído após a morte, surgiram em um estado de sofrimento, um mau nascimento, o abismo, o Inferno Niraya. Mas, esses valiosos seres que eram possuidores da boa conduta de corpo, fala e pensamento, que procuraram o conhecimento e instrução dos sábios, praticaram o que é bom, tendo visões corretas, agiram em consequência de suas visões corretas – esses seres, na dissolução do corpo após a morte, surgiram num bom nascimento, um mundo celestial. Assim eu vi com a visão dos Devas purificada e superior à do homem comum, o surgimento e morte dos seres de acordo com seus Karmas. Esse foi o segundo conhecimento realizado por mim no meio da noite. A ignorância foi descartada, o conhecimento surgiu, a escuridão dispersada, a luz surgiu, na medida em que eu permanecia diligente, ardente, resoluto e calmo”<sup>9</sup>.

Esse renascimento não deve ser mal compreendido como do tipo de uma substância permanente ou “alma” individual que transmigra de um corpo para outro corpo, desse mundo para o próximo. É apenas o desmembramento dos 5 agregados, a separação do corpo e mente, não funcionando mais como uma unidade, sustentando um ao outro. A mente precisa ter um corpo através do qual funciona e satisfaz seus desejos. Quando a última consciência da morte se religa com outra existência, por exemplo, no útero de uma mãe humana ou um animal, então outro corpo com órgãos dos sentidos será desenvolvido com as influências dos *sankharas* que foram transportados pela consciência de religação. Assim, os 5 agregados podem mais uma vez serem reunidos para continuar a corrente das experiências sensoriais uma vez mais, através da roda de nascimento, doença, sofrimento, velhice e morte, assim por diante, *ad infinitum*.

A seguir alguns itens das “Perguntas do Rei Milinda”, relativos ao fenômeno do renascimento.

“Nagasena, porque esse “nome” (mente) não renasceu separado da “forma” (corpo). Porque eles devem nascer juntos?”

“Porque, ó Rei, essas condições, nome e forma, estão conectadas uma com a outra e aparecem juntas. Como a galinha não põe o ovo separado da casca, mas ambas surgem de um ovo, os dois sendo intimamente dependentes um do outro, assim, se não houvesse “nome” não haveria “forma”, isso é o nome da forma. Se não há forma, então qual é o uso do nome? O que é significado como nome nessa expressão, sendo intimamente dependente do que é significado por forma, surgem juntos, e isso é através de tempos imemoriais, sua natureza”<sup>10</sup>.

“Aquele que renasceu, Nagasena, permanece o mesmo ou se torna outro?”

“Nem o mesmo nem outro, ó Rei”.

“Dê-me um exemplo, Nagasena”.

“Agora, o que você pensa, ó Rei? Você era uma vez um bebê, uma coisa tenra, e pequeno, deitado de costas. Você hoje que cresceu é a mesma pessoa?”

“Não, aquela criança era uma coisa, eu sou outra.”

“A pessoa que vai para a escola é a mesma que terminou sua escolaridade, ou outra? Aquele que cometeu um crime é um, e outro o que foi punido tendo suas mãos cortadas fora?”

“Certamente não, Nagasena. Mas o que o Senhor diria disso?”

“Eu diria, ó Rei, que sou a mesma pessoa, agora que cresci, como era quando era pequeno, tenro como um bebê. Eu sou a mesma pessoa que começou e terminou sua escolaridade. É a mesma pessoa que cometeu um crime e foi punido. Todos esses estados estão incluídos em uma pessoa através desse corpo.”

“Dê-me um exemplo, Senhor.”

“Ó Rei, supondo que um homem acenda uma lamparina e que ela queima toda a noite. Agora é a mesma chama que queima na primeira hora da noite como a da segunda, ou é a mesma chama que queima na segunda e na terceira hora da noite?”

“Não, Nagasena, a chama vem da mesma lamparina através de toda a noite.”

“Da mesma forma ó Rei, a continuidade de uma pessoa ou coisa é mantida. Um nasce, outro morre, e o renascimento é como se fosse simultâneo. Assim nem é o mesmo nem é outro, o homem que vai para a última fase de seu “self-Eu-consciência”.

“Ó Rei, é como o leite, o qual alguém retira da vaca, que depois de um tempo, primeiro se torna coalhada, e da coalhada vira manteiga, e da manteiga para o ghee. Agora, seria certo dizer que o leite era o mesmo como coalhada, ou como manteiga ou ghee?”

“Certamente não, Nagasena, mas foram produzidos dele”.

“Assim da mesma forma, ó Rei, é a continuidade de uma pessoa ou coisa mantida. Uma pessoa nasce, outra morre e o renascimento é como se fosse simultaneamente. Assim nem é como o mesmo nem como outro que o ser vai para a última fase de seu eu-consciência”<sup>11</sup>.

“Onde não há a transmigração (da alma), Nagasena, pode haver o renascimento?”

“Sim, pode. Supondo, ó Rei, que um homem acenda a chama de uma lâmpada a partir de outra lâmpada, ele pode dizer que a chama transmigra de uma lâmpada para outra?”

“Certamente não, Senhor!”

“Da mesma forma, ó Rei, o renascimento se realiza sem qualquer transmigração (da alma). Além disso, você se lembra ter aprendido um verso quando você era um menino, do seu professor?”

“Sim, eu me lembro ter aprendido muitos”.

“Bem então, aqueles versos transmigraram do seu professor para você?”

“Certamente não, Senhor!”

“Assim, ó Rei, o renascimento acontece sem transmigração”<sup>12</sup>.

“O que é que renasce?”

“Nome e forma renascem.”

“É o mesmo nome e forma que renascem?”

“Não, mas através desse nome e forma, o Karma é produzido, bom e mau, e através dessas ações outro nome e forma renascem”.

“Se é assim, Senhor, não poderia o novo ser ser libertado do Karma maléfico produzido na vida passada?”

“Não. Supondo, ó Rei, que um homem roubou uma manga de uma mangueira, e o homem que plantou a árvore pegou-o e trouxe-o diante de você para ser julgado pelo crime. Suponha que o ladrão diga: “Sua Majestade, eu não roubei a manga deste homem. A árvore que ele plantou no solo como uma semente é diferente agora, e não a mesma. Eu não mereço ser punido!” Ó Rei, você iria sentenciar aquele homem como culpado e puní-lo?”

“Certamente, Senhor, ele seria culpado e mereceria ser punido porque a despeito de qualquer coisa que ele diga, a manga que ele tirou da árvore vem daquela que o proprietário plantou no solo como uma semente e a qual ele cuidou.”

“Assim, ó Rei, boas ações e más ações são feitas pelo mesmo nome e forma, e são outras as que renascem. Mas o ser que sucede não está livre ou liberto do Karma gerado nas existências passadas”.

“Ou suponha que um homem numa floresta deixe uma lamparina para ir buscar água, e um veado passa correndo e derruba a lâmpada pondo fogo e queimando toda a floresta. Aquele homem seria responsabilizado pelo fogo na floresta?”

“Sim, porque não importa o que possa dizer, o fogo na floresta foi feito pela chama da lamparina deixada por ele”.

“Da mesma forma, ó Rei, é um nome e forma que morre (a lamparina) e outro nome e forma (o fogo na floresta) foi produzido. O fogo na floresta é o resultado da chama da lamparina, portanto ele é culpado de ter queimado a floresta”<sup>13</sup>.

O Buddha colocou que a causa e a condição de toda essa corrida de uma existência à outra existência, desse mundo ao próximo mundo, são a cobiça sensorial, o ódio e a delusão. Isso é mostrado nos seguintes discursos:

“Verdadeiramente, monges, devido à cobiça sensorial, condicionados pela cobiça sensorial, impelidos, inteiramente movidos pela cobiça sensorial, reis lutam com reis, príncipes com príncipes, sacerdotes com sacerdotes, cidadãos com cidadãos, fazendeiros com fazendeiros. Mães brigam com filhos, o filho com a mãe, pai briga com o filho, filho com o pai; irmão briga com irmão, irmã com irmã, irmão com irmã, amigo briga com amigo. Assim se dá a discórdia, brigas e lutas, promovidas pela cobiça sensorial, eles lutam uns com os outros com os punhos, paus, ou armas, e por isso eles morrem ou sofrem dores mortais.

E assim, devido à cobiça sensorial, as pessoas arrombam as casas, roubam, pilham, saqueiam, cometem roubos nas estradas, seduzem as mulheres dos outros. Então os legisladores pegam essas pessoas e infligem neles várias formas de punição. E por isso eles ficam sujeitos à morte e à dor mortal. Agora, essa é a miséria da cobiça sensorial, o fruto do sofrimento nessa vida, devido à cobiça sensorial.

E, assim, pessoas tomam o maligno caminho em ações, palavras e pensamentos; e assim, na hora da dissolução do corpo após a morte, elas caem em um estado de existência inferior, um estado de sofrimento na perdição, nos abismos do inferno. Mas essa é a miséria da cobiça sensorial, o fruto do sofrimento no futuro, devido à cobiça sensorial”<sup>14</sup>.

“Monges, há 3 condições-raízes envolvidas na feitura das ações, a saber: cobiça, ódio e delusão. As ações que são feitas com cobiça, ódio e delusão, que surgiram através da cobiça, ódio e delusão, produzidas por cobiça, ódio e delusão, essas ações irão frutificar aonde quer que o ser renasça, e onde a ação florescer, ali o ser colhe o fruto da ação, seja nessa vida ou na próxima vida, ou em vidas futuras.

O mesmo se dá com as sementes ilesas e não estragadas, não danificadas pelo vento e pelo sol, saudáveis e bem preservadas, as quais após serem colocadas no solo rico e num terreno bem preparado, regadas com muita chuva, irão crescer e desenvolver completamente”<sup>15</sup>.

A destruição dos seres vivos, tomar pertences de outros homens, a incorreta indulgência sexual, mentir, trapacear, falar rude, linguagem vulgar, conversa vazia e sem sentido, o uso de bebidas intoxicantes que levam ao entorpecimento e assim por diante, se cometidos e praticados com frequência, levam ao renascimento no inferno ou no mundo animal, ou no mundo dos fantasmas famintos. Até mesmo o menor dos resultados de qualquer desses atos leva à circunstâncias desafortunadas, mesmo se renascer como um ser humano.

Os seres são possuidores e herdeiros de suas ações ... as ações dividem os seres em superiores e inferiores.

Existe aquele, mulher ou homem, que destrói seres humanos, é cruel, dedicado a machucar e a matar, sem amor pelas coisas vivas. Através de tais ações, realizadas ou por realizar, essa pessoa, na dissolução do seu corpo na morte, irá cair em um estado inferior de existência, num curso de vida maléfico, na perdição ou inferno... ou se renascer como um ser humano, ele terá, não importa onde, uma vida curta.

E ele se move sorratamente em suas ações de corpo, fala e pensamento. Sorrateiros são seus trabalhos, palavras e pensamentos, sorrateiros seus caminhos e posses. Mas eu digo a vocês, monges, qualquer um que persegue caminhos e objetos sorrateiros, terá que esperar dois desses resultados: se atormentar no inferno ou nascer entre os animais que se arrastam.

Existe aquele que tem o hábito de causar dor a outros através dos punhos, pedra, pau ou espada. Através de tais ações irá cair num estado inferior... ou se, renascendo como ser humano, ele terá, onde quer que esteja, muitas doenças.

Existe aquele que tem um temperamento esquentado, rapidamente entra na raiva; à menor coisa que lhe é dita ele fica enfurecido, é bravo, teimoso, mostra excitação, ódio e suspeita. Através de tais ações irá cair num estado inferior ... ou se nascer entre os seres humanos terá uma aparência feia.

Existe aquele que é invejoso, cheio de ciúmes e animosidade. Sente inveja do que os outros recebem como presentes, hospitalidade, honra, veneração, respeito salutar, e oferendas. Através de tais ações ou pensamentos ele irá cair num estado inferior... ou, se nascer como um ser humano ele irá, onde quer que seja, possuir somente pouca influência.

Existe aquele que é arrogante e cheio de vaidade. Ele não saúda quem deveria, nem se levanta para quem deveria, nem respeita ou honra os que são devidos, nem dá presentes para os que deveriam receber presentes. Através de tais ações e pensamentos irá cair num estado inferior ... ou se renascer como ser humano, ele irá, onde quer que seja, nascer num berço inferior.

Existe aquele que não visita um homem sábio e santo e coloca a ele tais perguntas “O quê, ó Venerável Senhor, é kármicamente benéfico, o quê é kármicamente não benéfico, o quê é que tem valor, o quê não tem valor? O quê se deve praticar e o quê não? Qual prática me levará à tristeza e ao sofrimento, e qual me levará à felicidade e bençãos?”

Não obtendo ajuda e conselhos dos homens sábios, permanecendo nas trevas sobre essas coisas, ele irá cair em um estado inferior de existência ... ou se nascer como um ser humano, ele irá, onde quer que seja, ter pouca inteligência”<sup>16</sup>.

A seguir uma história de 2 monges no tempo de Buddha, que tinham a visão da clarividência e estavam descendo uma certa montanha, onde normalmente moravam, para entrar na vila abaixo e começar a fazer a sua ronda de mendicância.

“Agora o venerável Mogallana, descendo a montanha e passando por certo lugar, sorriu. Então o venerável Lakkhana disse a ele: “Porque razão, qual é a causa, amigo Moggallana, porque agora você deu um sorriso?”

“Exatamente agora, amigo Lakkhana, enquanto eu estava descendo, vi um esqueleto<sup>17</sup> indo através do ar, e urubus, corvos e falcões voando atrás dele, pegando seus ossos, arrancando partes dele, enquanto ele lançava gritos de dor. Para mim, amigo, veio esse pensamento: Ó, mas isso é maravilhoso, isso é fantástico, que uma pessoa irá ter tal forma (dificuldade)”<sup>18</sup>. Esse ser era um açougueiro (em sua vida passada) nessa vila de Rajagaha. Ele, pelo efeito de seu trabalho, sofreu por muitos anos no purgatório, e agora pelo efeito remanescente, ele adquiriu uma personalidade (existência como um *peta*) desse tipo.

Em dias diferentes ... eu vi um homem afundando sua cabeça num fosso cheio de estrume. Aquele ser era um adúltero ... eu vi um homem afundando num fosso de estrume comendo estrume com ambas as mãos. Aquele ser era um Brahmin. Ele, no tempo de Kassapa Buddha, convidou a ordem dos monges para uma refeição. Então enchendo suas tigelas de estrume, disse: “Oh, deixe que meus mestres comam seu recheio e levem o restante embora! ... Eu vi um homem com tronco sem cabeça indo pelos ares; seus olhos e boca estavam em seu peito. Esse ser era um bandido chamado Harika ... eu vi um monge indo pelos ares, seu manto, seu cinto, sua vasilha e também seu corpo estavam pegando fogo, queimando ele estava gritando de dor e tristeza. Ele foi um monge maléfico durante o tempo de Buddha Kassapa ... Para mim, amigo, veio esse pensamento: ‘Ó, mas isso é maravilhoso, isso é fantástico, que tal pessoa tenha tal aspecto’”.

Então o Buddha dirigiu-se aos monges: “Monges, vivam a vida de visão, do insight, pois o discípulo irá saber ou irá ver ou irá testemunhar coisas como essas. Eu também, monges, tenho já visto estas coisas antes. Essas pessoas foram agentes maléficos em suas vidas anteriores aqui em Rajagaha. Mas pelos efeitos de suas ações maléficas (*akusala-kamma*), eles sofreram por muitos anos no purgatório. Agora, pelo efeito remanescente de suas ações, eles adquiriram personalidades condizentes àquele tipo.

“Portanto, monges, sejam atentos em seus pensamentos, fala e ações, assim irão se emaranhar menos numa dificuldade semelhante, após a morte de seu corpo”<sup>19</sup>.

Assim é com o renascimento dos seres: irão renascer de acordo com suas ações. E tendo renascido irão experienciar o resultado de suas ações. Portanto, eu declaro: seres são possuidores e herdeiros de suas ações, suas ações são o útero de onde irão nascer, eles estão ligados às suas ações, suas ações são seu refúgio. Aquelas ações que fizerem, boas ou más, de tais ações serão os herdeiros<sup>20</sup>.

Monges, vamos supor que um pano esteja manchado e sujo, e molhado e mergulhado em tinta ou algo assim. Seja azul ou amarelo ou vermelho ou rosa, estará impuro em cor. E por quê isso? Porque o pano não estava limpo. Assim também quando a mente está manchada, um infeliz destino numa existência futura deve ser esperado.

E quais são as impurezas da mente? Luxúria e cobiça incorreta são as impurezas da mente. Inveja, ciúmes, hipocrisia, teimosia, fraude, presunção e orgulho, são as impurezas da mente. Arrogância, vaidade e negligência são as impurezas da mente.

Mas, monges, vamos supor que um pano esteja limpo e brilhante e molhado em alguma tinta ... ele estará puro e perfeito em cor. E por quê isso? Porque o pano estava limpo. Assim também, quando a mente está pura e livre das impurezas, uma destinação feliz numa existência futura deve ser esperada<sup>21</sup>.

Entretanto, nada do que aqui foi dito implica numa predestinação absoluta, que anule a necessidade de se ocupar sobre qualquer coisa, ou de se deixar de fazer o bem ou refrear do mal. Não podemos apagar todas as nossas impressões acumuladas no passado. Nós podemos, entretanto, começar a conferir e controlar a entrada presente de Karma não-saudável, que poderá dar surgimento futuramente à dor e desconforto. Nós podemos diminuir o efeito do Karma passado não-saudável realizando e acumulando agora muito Karma saudável. Isso pode ajudar muito a combater ou enfraquecer os efeitos dos Karmas não-saudáveis e condicionará o surgimento de felicidade e situações confortáveis no futuro.

O Buddha também disse que é muito difícil e raro obter um renascimento no mundo dos seres humanos. Isso é devido à maneira em que os seres sencientes são distribuídos através dos reinos samsáricos. O número de seres humanos é somente

uma pequena fração do número total dos seres nos reinos celestiais, infernais, ou existindo como animais e espíritos. Os sutta abaixo descrevem a dificuldade e raridade de se ter um nascimento humano.

### A PONTA DA UNHA

“Então o Abençoado pegou com a ponta dos dedos um pouco de areia e mostrou aos monges desse modo: ‘O que vocês pensam, monges? Qual é o maior, um pouco dessa areia em meus dedos ou toda a areia em todos os oceanos?’”

“Senhor, toda a areia em todos os oceanos é maior. É quase nada o pouco de areia mostrado pelo Abençoado em seus dedos. Não se pode calcular em comparação, não é nem uma fração quando comparado com toda a areia em todos os oceanos – essa quantidade pouca de areia na unha do Abençoado”.

Da mesma forma, são os seres que renascem entre os humanos, um pequeno número comparado com o grande número que renascem em outro lugar e não entre os humanos.”

### A TARTARUGA NO MAR

Uma vez o Abençoado contou a seguinte história.

“Há, monges, nas profundezas do grande oceano, uma tartaruga cega e ela nada sem parar em todas as direções, onde sua cabeça a levar. Há também uma roda de carroça, um anel de madeira que flutua sem cessar na superfície do grande oceano, sendo carregado em todas as direções pela maré, correntes e ventos.

“Então a tartaruga vem à superfície para respirar apenas uma vez a cada cem anos. E por acaso acontece que o anel de madeira está precisamente no local e quando a tartaruga cega vem à superfície do oceano, e coloca sua cabeça justamente através do centro daquele anel.

“Agora, monges, é possível que isso possa acontecer?”

“É quase impossível, Senhor, na usual verdade, mas com o tempo tão vasto, pode-se admitir que em algum tempo ou outro talvez isso possa acontecer, desde que

a tartaruga cega viva o suficiente e o aro de madeira não se rompa e quebre antes que tal coincidência aconteça”.

“O acontecimento de tão estranho fato, monges, não deve ser considerado como difícil; existe algo ainda maior, mais difícil, centenas de vezes, milhares de vezes mais difícil do que isso. E o que é?

“É a obtenção da oportunidade de renascer no mundo dos humanos, obter renascimento humano outra vez, após ter tido uma vez perdido e ter renascido em qualquer dos reinos inferiores de miséria. A ocorrência da união da cabeça da tartaruga com a roda de madeira não é mencionada como dificuldade em comparação com isso, porque somente os que realizam boas ações e se abstém de fazer o mal podem obter a existência no mundo dos homens e deuses. Os seres nos mundos inferiores não podem discernir o que é virtuoso e o que não é virtuoso, o que é meritório e o que não é, e conseqüentemente vivem uma vida de mortalidade e deméritos, atormentando uns aos outros com todo seu poder. Portanto, monges, a oportunidade dos seres renascerem como ser humano, após ter caído em um dos reinos inferiores, é extremamente difícil e ocorre raramente”.

O reino humano da existência é o único lugar, de todos os vários reinos samsáricos, no qual os seres podem praticar o Dharma de modo a se libertarem da roda incessante de nascimento e morte. Isso porque nos reinos inferiores – inferno, mundo dos fantasmas famintos e espíritos sem corpo, e o mundo animal – o sofrimento é tão grande e a ignorância desses seres é tão grosseira que os tornam incapazes de praticar a moralidade e meditação necessárias para a Liberação. Nos mundos celestiais há demasiados prazeres sensoriais e preocupação. Os seres nesses reinos não vêem necessidade de praticar porque eles são estranhos ao sofrimento e não podem saber que seu êxtase é somente temporário. Nos mundos sem forma os seres são principalmente semi-conscientes; eles não conseguem pensar ou raciocinar, assim é impossível para eles praticarem o Dharma.

No mundo dos humanos há um equilíbrio entre prazer e sofrimento, e os humanos têm a habilidade de raciocinar e experienciar o que é saudável e o que não é saudável do ponto de vista de causa e efeito. Nós também temos a oportunidade de

entrar em contato com os Ensinamentos do Dharma e de visitar os entendidos e sábios que podem nos ensinar e nos inspirar.

Nos outros reinos isso é extremamente difícil e pouco provável. Devemos, portanto, perceber que essa oportunidade de ter um nascimento como humano é muito afortunado e raro. Devemos fazer o melhor uso dessa vida e fazer seriamente todo o esforço para estudar e colocar em prática as várias essencialidades do Dharma – moralidade, purificação mental, e o desenvolvimento da sabedoria. Isso irá acumular de modo firme e evitar a possibilidade de renascimento nos reinos inferiores de miséria, e nos levará finalmente à Iluminação e a Liberação do *samsara*.

Estes ciclos de existência repetida, *samsara*, são bem ilustradas por alguns sermões do Buddha:

“Incalculável é o início deste trajeto. Não é revelado o ponto mais inicial desta constante corrida e passagem dos seres cobertos pela ignorância e atados pelo apego.

Como uma vara atirada pelo ar, cai algumas vezes sobre uma ponta, algumas vezes de lado, algumas vezes sobre a outra ponta, assim também os seres obstruídos pela ignorância e manchados pela cobiça e apego migram pelos ciclos do nascimento e morte, indo do mundo (dos humanos) para outro mundo, e noutra vez indo de outro mundo para este. Portanto, durante muito tempo, monges, eu e vocês experienciamos sofrimento, dor e morte e os cemitérios cresceram, um tempo suficiente para vocês se tornarem cansados, desapaixonados, desapegados e libertos de todas as coisas condicionadas.

Por muitos anos, monges, vocês experienciaram a morte da mãe, do filho, da filha, experienciaram a ruína, a perda da riqueza, das posses, experienciaram a calamidade da doença, da fome, enchente, lamentação, pesar, e desespero. Grande é a corrente de lágrimas derramadas por vocês – choro e lágrimas sobre uma ou todas essas coisas enquanto correm em círculos dessa forma por muitos anos, sendo afligidos pelo que é indesejável e separados do que é desejável – muito mais do que as águas nos quatro grandes oceanos.

Por muitos anos o sangue fluiu, sangue derramado pelas perdas das suas cabeças cortadas por ladrões, saqueadores das vilas, adúlteros, assassinos – mais

sangue do que as águas nos quatro grandes oceanos. Por muitos anos o sangue fluiu pela perda de suas cabeças quando nasceram como boi, búfalo, carneiros, cabras, galinhas, como feras, como aves de caça, como porco – mais sangue do que as águas nos quatro grandes oceanos.

Por muitos éons, vocês têm sofrido com doenças, dores, desastres, e morte, e os cemitérios cresceram. Assim, é bastante suficiente para vocês se desapegarem de todas as coisas do mundo, suficiente para perderem todas as paixões e apegos a elas, suficiente para serem libertos delas.

Não é uma coisa fácil encontrar um ser que durante esse longo éon não tenha uma vez ou outra sido sua mãe, pai, irmão, irmão, ou amigo, etc. Se um homem fizesse dessa grande terra umas bolas de argila do tamanho de uma grão de milho, e ele as colocasse lado a lado dizendo, ‘Esse é meu pai, esse é o pai do meu pai’, e assim por diante, essa grande terra logo seria insuficiente diante dos tantos pais dos pais deste homem. Isto por quê? Porque incalculável é o início deste trajeto, e não é revelado o ponto mais inicial desta constante corrida e passagem dos seres cobertos pela ignorância e atados pelo apego e cobiça”.

Certa vez um monge veio até o Abençoado e perguntou:

“Quão longo é um éon, Senhor?”

“Longo, amigo, é um éon. Não é fácil saber quão longo, muitos anos, muitos séculos, milhares de séculos”.

“Pode isto ser contado, Senhor, por uma parábola?”

“Sim, amigo. Suponha que haja um grande penhasco, uma montanha de uma milha de largura, uma milha de comprimento, e uma milha de altura, sem fenda ou abertura, uma rocha sólida. E suponha que um homem no final de cada cem anos golpeie uma vez com um pedaço de seda macia. Bem, aquela grande montanha de pedra dessa forma seria logo apagada e reduzida a nada, antes que um éon de tempo tenha decorrido. Assim, amigo, é um éon. E de éons assim longos, mais de um se passaram, mais do que cem, mais do que mil, mais do que milhões se passaram. Não é uma coisa fácil contá-los. Por quê isso?

“Incalculável é o início desse trajeto, atravessando por ciclos de nascimento e morte”.

“Se um simples ser humano, durante sua correria por um simples éon através desses ciclos de nascimento e morte, amontoasse todos os ossos, e os ossos não se tornassem pó, iria surgir uma pilha de ossos tão grande como essa grande montanha”.

“Assim por um longo tempo, amigo, você tem experienciado sofrimento, dor e morte e os cemitérios aumentaram de tamanho, longo o suficiente para você ter se tornado desapegado e exausto de todas as coisas condicionadas, longo o suficiente para você ter se desapegado e se soltado deles”.

“Quando, monges, vocês carregam um pesado fardo (quando vocês vêem pessoas e animais doentes, deformados, famintos, sendo mal tratados e morrendo, etc.) ou aquilo que seja duro de suportar, então vocês devem refletir: “Nós também temos sofrido dessa forma por longo tempo”.

“E também, quando sustentamos o que é próspero e feliz, etc., então devemos refletir: “Nós também temos nos alegrado dessa forma por muito tempo (mas isso sempre tem um fim, e então o sofrimento surge novamente). Porque é assim?”

“Incalculável é o início desse percurso ... ”

“Chegará um tempo em que os poderosos oceanos secarão, desaparecerão e se tornarão pó. Chegará um tempo em que a poderosa Terra será devorada e consumida pelo fogo, perecerá e não mais existirá. Mas ainda assim não haverá fim para o sofrimento dos seres que, obstruídos pela ignorância e enganados pela cobiça, estarão correndo apressados através desse ciclo de nascimentos e mortes, *samsara*”.

Monges, a lei bem proclamada por mim é sincera, livre, evidente e despida de palavreados vãos. Nesta lei, bem clara, qualquer um que tenha fé nesse Dhamma, amor por esse Dhamma, quem considerar suas instruções, estará destinado ao reino celestial (não renascerá nos reinos inferiores) pelo menos, ou atingirá o *Nibbana*.

O que deve ser feito por compaixão para os discípulos, por um professor que busca seu bem estar, eu tenho feito para vocês (ensinando sobre o Karma e renascimento, e como se libertar). Aqui estão as raízes das árvores, aqui estão os lugares vazios e calmos. Meditem, monges, não demorem, para que não se lastimem depois. Esta é minha instrução para vocês”.

Nascimento e morte, como aqui explicado, descreve principalmente as existências sucessivas em vários corpos pelos quais uma unidade individual de “Eu-consciência” kármicamente-energizado se manifesta através dos ciclos samsáricos. Num nível mais profundo, entretanto, nascimento e morte se aplicam ao surgir e desaparecer do conjunto dos cinco aspectos da experiência sensorial da consciência, momento a momento, em cada momento-mental sucessivo. Isto é o nascimento e morte no sentido verdadeiro.

No sentido último, a vida dos seres é extremamente curta, tão curta quanto o surgir e desaparecer de cada momento de consciência.

Assim como a roda da carroça quando rolando, rola somente num ponto por vez, quando ela está parada, descansa somente num ponto. Assim também a vida dos seres dura somente por um simples momento de consciência. Quando um momento de consciência cessa, é dito que o ser cessou.

Vida, prazeres pessoais, dor, apenas estes  
 Juntam-se num momento de consciência que tremula.  
 Cessados os agregados dos vivos ou mortos  
 São semelhantes, indo para não mais retornar (do mesmo modo).  
 Se a consciência não surgir,  
 Nenhum mundo (da experiência sensorial) nasce.  
 Quando a consciência está presente, o mundo vive;  
 Quando a consciência se dissolve, o mundo morre.

É dito que o Buddha podia ver, com seus olhos de Sabedoria, que a consciência surge e desaparece milhões de vezes num piscar de olho. Se a consciência acontece tão rapidamente, não é de se surpreender que ela pareça ser um tênue fenômeno fluído e que a sensação do “self” ou “eu”, por detrás desse processo, pareça sólido. É como um rolo de filme passando através de um projetor, e o filme sendo projetado numa tela. Embora o rolo de filme seja feito de fotogramas individuais e separados, dá a aparência ilusória de ser uma imagem longa e contínua. É por isso que as pessoas são enganadas no pensamento de que é um “eu”

permanente e substancial que é consciente. Elas não conseguem ver a natureza efêmera e cambiante disso, como realmente é. Esse processo só pode ser penetrado através da meditação, com uma atenção calma e aguda, e assim se obter um lampejo sobre isto. Cessar o nascimento e morte da mente condicionada é cessar o sofrimento, é recuperar o estado natural da mente, o Imortal, Nibbana.

## *Referências*

Todas as referências são da edição do *Tipitaka* do Pali Text Society, salvo aquelas porventura especificadas. As abreviações usadas nas notas são:

S. – Samyutta Nikaya

A. – Anguttara Nikaya

D. – Digha Nikaya

M. – Majjhima Nikaya

Vism. – Visuddhimagga

Dhp. – Dhammapada

U. – Udana

Iti. – Iti Vuttaka

QKM – Questions of King Milinda

B.P.S. – Buddhist Publication Society

O número de sentenças das citações usadas no texto foi modificado, de modo a eliminar repetições desnecessárias e a conformar à sintaxe e pontuação moderna, mas de nenhum modo foi alterada a significação e magnitude das mesmas. (Observações do autor)

*Notas*

---

<sup>1</sup> Bom, mau, maligno, significando neste sentido o que é hábil ou inábil, causando dor ou felicidade no futuro, baseado nas ações presentes.

<sup>2</sup> Citado no B.P.S. Wheel series # 208-211, *Anguttara Anthology*, p.12.

<sup>3</sup> Adaptado e elaborado do M. 141 (vol. III, pp. 296 – 297)

<sup>4</sup> Extraído de S. XII, 23; (Vol. II, p.27)

<sup>5</sup> Extraído de S. XII, 20; (Vol. II, p.22)

<sup>6</sup> Elaboração do S. XII, 3; (Vol. II, p.5)

<sup>7</sup> Elaboração do S. XII, 44; (Vol. II, p.51)

<sup>8</sup> Adaptado do S. XII, 11; (Vol. II, p.8)

<sup>9</sup> Extraído de S. XII, 64; (Vol. II, p.71-72)

<sup>10</sup> Sinopse de S. XII, 2, 12; (Vol. II, p.9-11)

<sup>11</sup> Condensado de S. XII, 4, 38; (Vol. II, p.45)

<sup>12</sup> Reunido e condensado de S. XII, 52, 53, & 58; (Vol. II, p.59, 60, 62)

<sup>13</sup> D. 9, in *Sacred Books of the Buddhists*, (Vol. II, “Dialogues of the Buddha”, pp. 254-255), e in Maurice Walshe, *Thus I Have Heard: The Long Discourses of the Buddha*, (Wisdom Publications, 1987, pp. 164 – 165)

<sup>14</sup> Veja M. 63, (Vol. II, pp.97-101)

<sup>15</sup> Extraído de S. LVI, i; (Vol. V, p. 370)

<sup>16</sup> S. XII, 18; (Vol. II, p. 17-19)

<sup>17</sup> S. XII, 47; (Vol. II, p. 53)

<sup>18</sup> De *Universal Light*, um pequeno livro comido pelos vermes, encontrado numa biblioteca do Hermitage Island, Kandy, Sri Lanka. Autor e data de publicação desconhecidos.

<sup>19</sup> Paráfrase de S. XII, 60; (Vol. II, p. 64)

<sup>20</sup> Condensação de A. III, 134; (Vol. I, pp. 264-265)

<sup>21</sup> Consolidado e elaborado de S. XII, 82-83; (Vol. II, pp. 93-94)